



## **SOCIEDADE PATRIARCAL X PERSPECTIVA DE GÊNERO FEMININO: UM OLHAR SOBRE O CONTINENTE<sup>1</sup>**

SANTOS, Mariana da Luz<sup>2</sup>; ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares<sup>3</sup>

**Palavras-Chave:** Gênero. Patriarcal. Mulher. Veríssimo.

### **INTRODUÇÃO**

Este texto tem por objetivo apresentar os resultados finais do projeto de pesquisa PROBIC-FAPERGS, intitulado Cenários de dominação masculina X Perspectiva de gênero feminino: um olha sobre *O Continente*, centrando-se na análise da primeira parte da trilogia *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo. Assim, a pesquisa compara o papel desempenhado pelo homem e pela mulher, no contexto histórico-social da obra. A ênfase dos estudos de gênero mostra o percurso feminino, dentro de uma sociedade patriarcal e machista, que tende a naturalizar a dominação masculina, inferiorizando e reprimindo a mulher, que se revela forte e destemida, apesar do autoritarismo masculino.

### **METODOLOGIA OU MATERIAL E MÉTODOS**

A pesquisa é de cunho qualitativo e bibliográfico, tendo como *corpus* literário *O Continente*, tomos 1 e 2, edição de 2005, de Érico Veríssimo e, neste texto, recorre-se a aportes teóricos, como: Bourdieu (2002) e (1999), Lazdan (2017), para fundamentar a pesquisa.

### **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

*O Continente* mescla a história da família Terra Cambará - história fictícia - com acontecimentos verídicos que ocorreram no Rio Grande do Sul. Em termos de gênero, a obra

---

<sup>1</sup> Pesquisa vinculada ao GEPELC – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Linguagens e Comunicação (Unicruz).

<sup>2</sup> Acadêmica do 4º período do Curso de Jornalismo (Unicruz). Bolsista PROBIC-FAPERGS. Membro discente do GEPELC. E-mail: marianadaluzsantos13@outlook.com

<sup>3</sup> Doutora em Letras (UFRGS). Professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (Unicruz). 1ª Líder do GEPELC. Orientadora do projeto de pesquisa. E-mail: ctavares@unicruz.edu.br



descreve mulheres fortes e corajosas que, mesmo vivendo em uma sociedade patriarcal, revelam sua força e poder ao lutar por seus princípios.

Inicialmente, Ana Terra acredita que a única forma de sair da casa onde vivia com sua mãe, pai e dois irmãos seria o casamento. “Não que sentisse muita falta de homem, mas acontecia que casando poderia ao menos ter alguma esperança de sair daquele cafundó” (VERÍSSIMO, 2005, p. 102). Com essa percepção, Ana Terra reproduz a visão patriarcal, na qual ela foi criada e vive, percebendo, na figura masculina, o amparo no qual as mulheres eram subordinadas. Sua mãe Henriqueta, também não era feliz com a vida que levava e sofria com uma violência simbólica, mas, mesmo infeliz ela não reclama, porque seu marido nunca havia agido de forma bruta com ela, entretanto existem outros tipos de violência, além da física. “Sintomas da violência simbólica se manifestam em forma de emoções corporais, como vergonha, humilhação, timidez, culpa, ou também admiração e respeito pelo dominador” (BOURDIEU, 2002).

Ao envolvesse-se sexualmente com Pedro Missioneiro, Ana Terra rompe com o esperado para a época na qual vive, pois mantém relações sexuais com um homem com quem não é casada e engravida dele. Nesse momento, a personagem subverte a ordem instituída pelas relações estabelecidas nas famílias patriarcais, nas quais a mulher deveria se unir a um homem, apenas pelo casamento. Tornar-se mãe faz com que a jovem seja mais forte, aprendendo a superar todos os preconceitos, solidão e palavras de ofensa que os homens da família lhe dizem. Quando Henriqueta morre, a morte é vista por Ana como um alívio, porque sua mãe passou a vida toda como uma “escrava”, sem vida própria, apenas seguindo ordens de seu marido. Morta, ela finalmente poderia descansar.

Ana Terra rompe novamente com o preceito social esperado na época ao lutar juntamente com seu pai, seu irmão Antônio e dois escravos contra os castelhanos, por ocasião da invasão ao rancho dos Terra, para que então as crianças (a sobrinha e seu filho Pedro Terra) e a cunhada pudessem se esconder no mato. Os homens são mortos em combate, e Ana é estuprada por todos os invasores até perder a consciência. Mesmo machucada psicológica e fisicamente, Ana ainda tem forças para juntar suas roupas, a roca, o crucifixo e a tesoura de podar e ir embora dali, logo após enterrar os mortos. Pedro cresce, noiva, vai para a guerra, casa-se e tem dois filhos: Juvenal e Bibiana. Ao trazer ao mundo Bibiana, Ana resmungo: “Que Deus tenha piedade dela!” (VERÍSSIMO, 2005, p. 175). Com essa reação, Ana, reafirma



a naturalização e legitimação do domínio do homem sobre a mulher, conformando-se com a posição submissa à qual a mulher é relegada, mesmo revelando caracteres de força e coragem.

Personagem masculina representativa da obra, o Capitão Rodrigo Cambará possui uma personalidade forte, cuja frase marcante já é sua apresentação: “Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho! (VERÍSSIMO, 2005, p. 209). Trata-se de uma personagem que, por um lado é um homem mulherengo, bruto, que gosta de ir para a guerra, mas também é carismático e prestativo. Cambará casa-se com a neta de Ana Terra, Bibiana. Quando as modificações no corpo de Bibiana começam a aparecer, por conta da gravidez, Rodrigo vai perdendo o desejo, entretanto ele a ama e está feliz por saber que irá se tornar pai, mas não suporta ver a mulher deformada. Aos poucos vai explicitando seu machismo: quer o porto seguro do casamento, no qual se tornará pai, mas deseja, de forma carnal, a vida livre e as mulheres que o aceitam como tal.

Quando seu filho nasce, o capitão fica encantado e deseja criar o menino como sua cópia, porém aos poucos Cambará vai se distanciando da mulher. Com o nascimento da segunda filha, seu comportamento muda por completo, gastando seu dinheiro em jogos e bebidas e, mesmo não deixando de amar Bibiana, deita-se com algumas xincas. Configura-se, aqui, o que vinha sendo anunciado: Rodrigo Cambará, capitão de muitas lutas e mulheres, entedia-se com a vida calma do casamento, com o dia a dia da casa e da família, com o pertencer a um único lugar. Nesse sentido é interessante destacar o resalta Lazdan et alli (s.d., p. 481, Apud Giddens, 1993).

[...] a cisão entre as polaridades do amor puro (decorrente do romantismo) e o sexual para os homens geram discursos e impressões pejorativas e preconceituosas sobre as mulheres. Para o autor, esses discursos mostram a dificuldade dos homens em perder sua hegemonia no controle das relações.

Enquanto isso, "Bibiana tomava conta dos filhos, alimentava-os, lavava-os, vestia-os e afligia-se quando eles adoeciam. Rodrigo não ajudava em nada" (VERÍSSIMO, 2005, p. 317). Essa passagem revela a visão social de mulher dedicada à criação da prole, ao mesmo tempo em que se mostra inferior ao homem, uma vez que lhe cabe somente um papel de procriação, cuidado do lar, dos filhos e do marido. Conforme destaca Bourdieu (2002), essa percepção se naturaliza, sendo entendida como normal e aceita e se mantém na sociedade, muitas vezes, pois está “ao mesmo tempo, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação”, dessa forma ela é repassada para as demais gerações e vista com familiaridade.



Dentre as mulheres do segundo tomo de *O Continente*, Maria Valéria, irmã de Alice, destaca-se, pois “[...] tinha coragem, bom senso e espírito prático; não se preocupava com vestidos ou enfeites, e não era dessas que vivem na frente do espelho, pensando em festas e namorados (VERÍSSIMO, 2005, p. 323). Ela era independente, tinha coragem para enfrentar qualquer pessoa que julgasse estar agindo errado, não gostava de guerra e contrapunha-se ao machismo. Apaixonara-se por Licurgo, mas respeitava a escolha do cunhado, dedicando sua vida a cuidar da irmã e dos filhos que não tivera, os filhos de Alice e Licurgo.

## CONCLUSÃO

*O Continente*, de Érico Veríssimo apresenta mulheres fortes e corajosas, em meio à atuação machista do homem. Ana Terra, Bibiana e Valéria são exemplos de mulheres que, embora seguindo os padrões da época, não se intimidam diante do sofrimento, lutam e contribuem com o avanço de suas gerações, constituindo-se em fortalezas, inclusive, para a atuação do homem.

A dominação masculina, veiculada pela sociedade patriarcal, leva a mulher, muitas vezes, a lutar e se reafirmar sobre direitos e posições que lhe pertencem por direito.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

LAZDAN, Alessandra Munhoz et alii. **A dominação masculina de Pierre Bourdieu**: críticas e reflexões a partir da psicologia analítica (s.d.), p. 470-487. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/viewFile/7050/5063> Acesso: 03.ago.2017.

VERÍSSIMO, Érico. **O continente**. Companhia das Letras: São Paulo, 2005. Tomos 1 e 2 .